

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS MODERNAS:
DA FALA COTIDIANA ÀS REDES SOCIAIS**

Estefani Gumiéro Costa (UERJ)

estefani-costa@hotmail.com

Fernanda Zappa Monte Lima

fernandamonte@ugb.edu.br

RESUMO

Compreende-se que as Expressões Idiomáticas sejam construções relativamente estáveis na língua cuja significação é obtida pela composição de seus elementos constituintes, entendidos como um bloco único. Dotadas de coloquialidade, tais estruturas se adaptam às necessidades comunicativas dos falantes e são cristalizadas à medida que são aceitas pela comunidade de fala. Com o avanço da tecnologia, a comunicação nas plataformas digitais (*Twitter, Instagram, Facebook*) vem ganhando muito espaço, logo, por se tratar de um universo linguisticamente democrático, é perceptível que os usuários das redes sociais transportem muito da fala cotidiana para suas interações virtuais, inclusive as EI. Assim, partindo do pressuposto de que as EI surgem pelas demandas sociocomunicativas, este artigo tem como objetivo analisar Expressões Idiomáticas Modernas, por meio de recortes de interações na plataforma *Twitter*. O estudo será norteado pelo viés teórico da Linguística Cognitiva, fundamentado nos constructos teóricos de estudiosos, como Lakoff e Johnson (2002), Ortiz Alvarez (2000), Lilian Ferrari (2011), Goldberg (1995) entre outros. As EIMs *fazer a egípcia, pedir/querer biscoito e passar pano* elencadas para a análise serão estudadas em dois eixos: (1) semântico (mesclagem conceptual), por seu caráter predominantemente metafórico; e (2) sintático, por configurarem estruturas gramaticais de padrão V SN. Por fim, para analisar o processo de cristalização das EIM, foi organizado um questionário social que contou com a colaboração de 250 participantes.

Palavras-chave:

Linguística cognitiva. Redes sociais. Expressões idiomáticas modernas.

ABSTRACT

Idiomatic expressions are understood to be relatively stable constructions within a language, whose meaning is obtained through the combination of its composing elements, which are seen as a single unit. As these structures are colloquial, they adapt to the communicative needs of the speaker and are consolidated as they are accepted by the speaking community. Following technological advances, communication via digital platforms (*Twitter, Instagram, Facebook*) have been gaining ground. As they are a linguistically democratic environment, it is noticeable that social media users employ a lot of their daily speech in their virtual interactions, including IEs. Thus, considering that IEs arise from socio-communicative demands, this paper aims to analyze Modern Idiomatic Expressions (MIE) through extracts from interactions on the *Twitter* platform. This study was guided by the Cognitive Linguistics perspective, based on the work of researchers such as Lakoff and Johnson (2002), Ortiz Alvarez (2000), Lilian Ferrari (2011), Goldberg (1995), and others. The MIEs *act egyptian, ask*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

for/want cookies and wipe clean were chosen for the analysis and were studied regarding two aspects: (1) semantic (conceptual blending), due to its predominantly metaphorical aspect; and (2) syntactic, as they are grammatical structures of a V NP pattern. Finally, to analyze the consolidation process of MIEs, a social questionnaire was carried out with 250 participants.

Keywords:

Cognitive linguistics. Social media. Modern idiomatic expressions.

1. Introdução

Compreende-se que Expressões Idiomáticas (EI) sejam recursos expressivos muito produtivos da língua, pois estampam, refletem e dão vida aos aspectos socioculturais submersos ao pensamento dos indivíduos de uma determinada comunidade de fala. Dotadas de coloquialidade, essas expressões são comumente geradas por base metafórica. Ademais, há relativa tendência de se perpetuarem ao longo de toda uma geração até que sejam cristalizadas no tempo. Ortíz Alvarez (2000, p. 126) define que, além de refletirem “a história, a cultura e a forma de pensar”, as EI também “constituem a síntese dos valores espirituais, dos costumes e da idiosincrasia” de uma sociedade. Tais estruturas relativamente estáveis se adaptam às necessidades comunicativas dos falantes e estão sempre associadas a contextos culturais específicos de certos grupos, os quais se distinguem pela classe, idade, sexo, região, profissão ou por qualquer outro tipo de afinidade. São, portanto, construções eficazes e refletem os aspectos interativo e dinâmico da língua.

A analogia com os aspectos interativo e dinâmico da língua se encaixa ao objetivo desta pesquisa, a qual optou por delimitar o corpus de análise aos contextos comunicativos publicados por usuários da plataforma *Twitter*, justamente por se tratar de um espaço democrático, sobretudo, não arbitrário. Assim, são colocados em questão os fatores submersos à conceptualização nas EI – aqui particularizadas como Expressões Idiomáticas Modernas (EIM) – que vêm ganhando espaço nas interações linguísticas atuais, bem como a abordagem conceptual dessas estruturas fraseológicas, as quais estão em processo de cristalização pelo uso.

Observam-se diariamente construções de novas EI nas redes sociais, espaço em que o público, predominantemente jovem, utiliza esse recurso para se comunicar, dando ao diálogo um aspecto mais informal e até anedótico. Desta forma, para averiguar as motivações das EIM elencadas e o pressuposto central de que se trata de um mecanismo funcional, de base frequentemente metafórica e resultante de eventos e necessidades

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de uso, foram adotados os seguintes objetivos específicos: (1) identificar a incidência de algumas EIM em textos publicados por alguns usuários do *Twitter*; (2) realizar uma pesquisa de campo, a fim de apresentar as EIM nas interações tecnológicas como resultados de construções funcionais e ligadas aos conhecimentos enciclopédicos; (3) por meio de mensagens conceituais, analisar o papel da metáfora nas EIM como recurso cognitivo de constante criação e recriação dentro da língua; (4) estudar os mecanismos adjacentes à produção das expressões idiomáticas pelo prisma da Linguística Cognitiva e da Gramática das Construções (paradigma gramatical da LC).

Eis, então, a proposta deste artigo, o qual se subdivide em seis partes. A primeira seção traça um panorama do aporte teórico, a Linguística Cognitiva, bem como das noções de metáfora e da Gramática das Construções, norteadores da pesquisa. A segunda seção traz uma análise sobre as EI e suas particularidades. A seção seguinte apresenta as EIM elencadas para a pesquisa, bem como delimitação e análise do *corpus*. A seção subsequente esmiúça como ocorreu a pesquisa de campo, por meio do questionário público. Por fim, apresentam-se as considerações finais e a apreciação geral deste artigo.

2. Aporte teórico da Linguística Cognitiva: pressupostos e pilares

Pela complexidade da natureza dos aspectos linguísticos envolvidos na comunicação, seria indiscutível dizer que exista teoria capaz de dar conta de todos os eventos ou mesmo explicar os porquês de todos os fenômenos da língua. São, de fato, o uso e as ocorrências que norteiam os estudos e incitam novas pesquisas. Neste contexto, a Linguística Cognitiva ganha palco como relevante ferramenta para o estudo dos processos de construção de sentidos nas interações linguísticas exatamente por reconhecer a conexão entre os domínios linguísticos, cognitivos e culturais (COSTA, 2019).

Nadando contra as correntes anteriores, a LC surgiu para revolucionar os estudos linguísticos em relação ao sistema racionalista da Gramática Gerativa, proposta por Noam Chomsky. Assim, o termo ganhou eminência, até porque seus princípios essenciais serviram de base para um raciocínio básico sobre a construção do significado (FERRARI, 2011).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A teoria cognitivista tornou-se conhecida como uma nova vertente por um grupo particular de estudiosos, tais como George Lakoff, Ronald Langacker, Charles Fillmore, Gilles Fauconnier, entre outros. Mesmo concordando com o matiz cognitivista da teoria gerativista, combinado na fórmula “a linguagem é o espelho da mente” (CHOMSKY, 1975), esses estudiosos buscaram um segmento teórico capaz de fazer cumprir as relações entre sintaxe e semântica, aprofundando as relações entre forma e significado na teoria linguística. Para que isso fosse possível, desconstruíram a máxima da perspectiva modular de cognição adotada pelo gerativismo, a qual desvinculava o módulo da linguagem de outros módulos cognitivos. Assim, adotaram a premissa de que as formas e significados formavam-se por meio de uma construção contínua (FERRARI, 2011).

Ora, pode-se dizer, então, que a LC inaugurou uma perspectiva de análise contextualizada, quebrando o paradigma de “rótulos” da teoria que a precedeu. Como assevera Ferrari (2011, p. 14), “o significado deixou de ser um reflexo direto do mundo e passou a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado”. A corrente cognitivista entende o significado como uma construção mental em movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos de crenças socioculturais compartilhados. Trata-se, portanto, de estabelecer uma semântica cognitiva, a qual tende a uma visão enciclopédica do significado linguístico, em contraste com a visão de dicionário tradicionalmente adotada nos estudos semânticos (FERRARI, 2011).

Contradizendo as vertentes formalistas, como o Estruturalismo e o Gerativismo, que consideravam a linguagem como inflexível, nas quais se estabelecia uma relação fixa com o significado, a LC vem traçar um contraponto entre conhecimentos de dicionário e conhecimentos enciclopédicos. Enquanto o conhecimento de dicionário trata o significado como “engessado” ou “acabado”, no qual “o significado central de um item lexical é a informação contida na definição da palavra” independente de um contexto (FERRARI, 2011, p. 16), funcionando, basicamente, como um “rótulo”; o conhecimento enciclopédico leva em consideração a perspectiva baseada no uso, legitimando que o contexto é o responsável por orientar a construção do significado. Isso significa que, a partir de determinado contexto e da troca de vivências com o mundo, o indivíduo pode produzir e reproduzir novos sentidos (COSTA, 2019).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Dentro deste caleidoscópio de possibilidades, atribuir maior importância aos processos metafóricos torna-se, afinal, característica inerente à LC e um dos pilares fundamentais à Semântica Cognitiva.

2.1. A metáfora conceptual: eixo dos sentidos

Neste momento, é necessário destacar que um dos traços que diferencia a LC de outras abordagens é a importância atribuída aos processos metafóricos. Diferente do que se encontra em manuais didáticos, a metáfora não se limita a meras definições tradicionais, inclusive, não se trata de uma simples figura de linguagem. No entanto, ela é usada frequentemente no cotidiano, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e ação. Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 3) ratificam: “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica”. Sendo assim, com a nova perspectiva de metáfora conceptual, os arcaicos paradigmas aristotélicos de metáfora meramente linguística caem por terra²⁵.

A vertente cognitivista, conforme explicado anteriormente, analisa as metáforas como operações cognitivas fundamentais da linguagem, ressaltando sempre seu caráter cotidiano. É pertinente, então, dizer que produzir metáforas não remeta a graus de letramento, mas à propriedade dinâmica da língua de produzir significados e cumprir seu propósito social: a comunicação. Segundo o que Lakoff e Johnson (2002) argumentam, cada sociedade constrói suas metáforas a partir da própria visão de mundo. Tal afirmação pode ser exemplificada pela analogia dos jogos, isto é, um mesmo modelo do objeto *bola* pode resultar diferentes modalidades de jogos, e essa variedade surge, exatamente, pela diferença cultural e por perspectivas de mundo diferentes (COSTA, 2019).

Quanto aos processos de conceptualização, Rocha (2013) pontua que a metáfora é um dos recursos linguísticos que “materializa” o sentido figurado. Ela tem o poder de criar e recriar estruturas da linguagem continuamente, com base em experiências comunicativas anteriores. Segundo Ostrower (1987, p. 9), o poder criador da metáfora é consequência da capacidade de o falante compreender e, posteriormente, relacionar, ordenar, configurar e, por fim, significar o mundo à sua volta.

Cabe mencionar que, ao longo do texto, foram utilizadas algumas EI, a fim de ilustrar como tais construções fazem parte das produções comunicativas.

²⁵ Cair por terra: fracassar.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Inerente à atividade linguística, é a metáfora que traz sentido às estruturas recriadas. E isso ocorre justamente pela metaforização, que consiste num processo de combinação entre um objeto concreto (conceito superficial) e um conceito (conceito profundo). Nesta combinação, ocorre a dessemantização, isto é, a perda da função nominativa das palavras, de modo que a combinação delas passa a ter características semânticas e estruturais próprias (ORTÍZ ALVAREZ, 2000).

Complementarmente, Ullmann (1964, p. 442) pontua que a metáfora é composta, essencialmente, por dois termos: i) o elemento do qual se fala e ii) a ideia com a qual tal elemento é comparado, assim, quanto maior for a diferença entre esses dois termos, mais expressiva será a metáfora. Em estudo, Lama e Abreu (2001, p. 63) acrescentam ainda que “a criação das metáforas, unida ao processo de lexicalização, é um meio importante de enriquecimento do vocabulário de uma língua”.

Por fim, é necessário ratificar que não existe metáfora sem mesclagem. Por isso, cabe apresentar o processo de Mesclagem Conceptual, que é uma operação cognitiva que explica a origem das metáforas (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Tal processo de organização cognitiva ativada no momento da Integração Conceptual envolve até quatro domínios. Os domínios iniciais são denominados DOMÍNIO-FONTE (*Input 1*), referente às experiências culturais adquiridas por um indivíduo (conhecimentos enciclopédicos), e o DOMÍNIO-ALVO (*Input 2*), ligado ao contexto de fala (experiência concreta); o *espaço genérico*, que garante a relação entre esses domínios iniciais; por fim, o *espaço mescla*, no qual o significado, de fato, é criado. Assim, forma-se um significado novo, visto que não seja necessário projetar todos os elementos do *Input 1* e *Input 2* na mescla. Podem-se escolher os elementos isoladamente e fundi-los, resultando em uma nova composição. Esse conceito dicotômico “concreto versus abstrato” que ocorre entre os domínios mentais é arbitrário, pois as metáforas são, primordialmente, culturais e contextuais (FERRARI, 2011).

Explicados os processos cognitivos subjacentes à metáfora e suas formas de articulação, cabe, neste momento, apresentar o modelo gramatical estabelecido pela LC: a Gramática de Construções.

2.2. Gramática de construções: eixo das estruturas

Nesta subseção, será realizada uma abordagem sobre a Gramática de Construções (modelo de gramática da Linguística Cognitiva), a qual centra seus fundamentos epistemológicos nos padrões esquemáticos da língua. Trata-se, portanto, de uma abordagem que analisa as construções da língua como um *continuum* entre sintaxe/estrutura e semântica/significado (GOLDBERG, 1995).

Nas palavras de Ferrari e Ribeiro (2017):

Subdividida em uma família de modelos teóricos, a gramática de construções prevê um pareamento forma-significado e um tratamento de cada construção da língua como uma unidade simbólica, abarcando, assim, desde morfemas, itens lexicais e expressões idiomáticas até estruturas abertas ou semiabertas. (FERRARI; RIBEIRO, 2017, p. 200)

Os eventos de uso, particularizados como *construções*, são essenciais para a estruturação do sistema linguístico da língua, pois refletem a regularidade do uso, implicando, sempre, em habilidade, variação e mudança. Isso significa que as construções que o falante ativa cognitivamente não são fixas, nem meramente “cópias” de experiências passadas, mas, conforme explicado, são um processo de criação e recriação, seja por similaridade ou seja por diferença, resultando em novas construções, as quais representam a “totalidade do conhecimento linguístico do falante, organizadas em uma rede de herança” (RIBEIRO; FERRARI, 2017, p. 200-1).

Os exemplos *ela deu um exemplo* e *ela deu um gelo* refletem que as construções já conhecidas nas estruturas linguísticas são suscetíveis à variação e à mudança. Logo, podem ser enriquecidas com novas situações de uso, as quais são determinadas pelos contextos e pelas necessidades comunicativas do cotidiano.

Quanto aos eventos de uso, pode-se dizer que sejam resultados de regularizações naturais da língua (padrões antigos → padrões atualizados → padrões novos). Segundo Goldberg (1995), esses padrões podem ser obtidos por *links* de herança. Assim, o exemplo *ela deu um gelo* pode ser entendido como uma construção interligada à sua construção motivadora *ela deu um exemplo*, obviamente, por conter propriedades sintáticas e semânticas que as conectam. Neste pareamento entre forma e significado, certas construções, tal como um casulo, carregam o sentido das palavras que as compõem, independente de um verbo em particular. Não obstante,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

é preciso enfatizar que não se pode excluir a carga de significação trazida pelos elementos que compõem a construção.

Neste processo, Goldberg (1995) também ressalta que os padrões sintáticos reproduzidos nas interações de fala só serão considerados construções se o significado ou a forma não forem estritamente previsíveis, isto é, algum aspecto da forma ou do significado não estará diretamente relacionado a construções previamente estabelecidas. Tal relação pode ser exemplificada da seguinte maneira:

- i. Ele perdeu as chaves.
- ii. Ele perdeu as estribeiras.

Nota-se que ambas as construções são instanciações transitivas [SN1 V SN2], nas quais SN1 (ele) e SN2 (as chaves/as estribeiras) constituem argumentos do verbo e exercem, respectivamente, as funções de sujeito e objeto direto. Como defende Ferrari (2011, p. 129), são construções derivacionais e exemplificam “a regularidade da gramática com base em esquemas abstratos gerais”. Conforme dito anteriormente, as construções acima também exemplificam a não previsibilidade entre forma e significado, bem como o preenchimento das posições de acordo com os eventos de fala. Esse preenchimento direcionado pelos contextos comunicativos, conseqüentemente, pode provocar a mudança de um paradigma denotativo a outro conotativo (metafórico), conforme explicitado nos exemplos acima.

Cabe ainda falar sobre um importante elemento na análise das construções: os *slots*. Na abordagem de conceitos de variação, os *slots* funcionam como “fendas”, “espaços” ou “vagas” a serem preenchidos nas construções. Isso significa que, dentro do repertório de um falante, está armazenado um inventário de *slots* a serem ativados de acordo com os eventos de comunicação. Entretanto, é necessário pontuar que este acervo somente será reconhecido quando os argumentos (*slots*) forem compatíveis com os verbos na composição das construções (GOLDBERG, 1995).

Por fim, é necessário pontuar o papel do verbo nessas construções, uma vez que seja o elemento de integração, cujo papel é delimitar os papéis dos participantes. Diversos verbos em LP (perder, dar, fazer, passar, pegar, tomar, entre outros) são denominados *verbos leves* (*light verbs*). Os estudos produzidos por Grimshaw e Mester (1988) e, posteriormente, Butt (2010) apontam características específicas a estes tipos de

verbos, como: (i) eles funcionam como verbalizadores e projetam argumentos segundo a estrutura [V SN]; e (ii) eles não possuem semântica plena. Nestes contextos, o que ocorre é uma espécie de esvaziamento semântico do verbo e uma “contaminação” pelo elemento nominal que será responsável pela estruturação do significado da sentença.

No exemplo acima, o traço polissêmico do verbo *perder* e sua função verbalizadora admitem múltiplas construções na língua, cujos preenchimentos de *slots* podem gerar: *perder os trilhos*, *perder a vida*, *perder a cabeça*, *perder a esportiva*, *perder a linha*, *perder o chão*²⁶ entre outros.

3. Um espaço reservado às expressões idiomáticas

Na década de 1980, os pioneiros Charles Fillmore, Paul Kay e Mary Catherine O'Connor admitiram que a abordagem adotada pelo modelo gerativo não daria conta de descrever as múltiplas irregularidades da linguagem. Neste modelo, o léxico era entendido como lugar das irregularidades e improdutividades, enquanto a gramática era vista como lugar das regularidades e produtividades. Ferrari e Ribeiro (2017) ressaltam que as EI, por exemplo, eram consideradas como “meros resíduos do léxico”.

Tal insatisfação, portanto, resultou na elaboração de uma teoria de construções, a qual adotou um compromisso de generalização que previa “um conjunto de princípios comuns para explicar todas as unidades presentes na composição de uma língua, incluindo som, significado, léxico e semântica” (FERRARI, 2011, p. 130). Logo, o significado das construções gramaticais passou a ser analisado como autônomo, isto é, independente das partes que as constituem.

Partindo do princípio de que no repertório cultural de todas as línguas existem expressões composicionais compreendidas pela comunidade de fala como um “bloco único”, este novo paradigma abriu espaço para o estudo dessas construções gramaticais complexas, estabelecendo uma “tipologia de expressões idiomáticas” (FERRARI, 2011).

²⁶ Os significados são, respectivamente, os seguintes: não agir conforme o esperado; morrer; agir irrefletidamente por estar muito nervoso; irritar-se ao extremo; não saber o que fazer e ficar desorientado, respectivamente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Por definição, as expressões idiomáticas constituem padrões de combinações de palavras (blocos), relativamente estáveis, entendidos com um todo e convencionados na rede conceptual dos falantes. São, portanto, fruto dos eventos de uso e da bagagem enciclopédica dos indivíduos em determinado contexto de comunicação. As EI se formam a partir de conceitos incorporados na junção de elementos com significação global. Nesta construção, a sintaxe é totalmente neutralizada, criando uma nova estrutura e conseqüentemente um novo significado (GOLDBERG, 1995).

Elas podem ter duração efêmera ou serem incorporadas ao léxico de uma língua. Ortíz Alvarez (2000, p. 4) pontua que as EI são um dos elementos mais pitorescos da língua, pois configuram um patrimônio de vozes de diferentes origens e, quando empregadas frequentemente pelos falantes, contribuem para tornar a língua um repertório fraseológico vivo representativo da sabedoria popular.

Em estudo, Ortíz Alvarez (2000) atribui uma seqüência de características intrínsecas às EI, são elas: a *pluriverbalidade* (por serem formadas por, no mínimo, duas palavras, sendo uma delas peça “chave” para o significado); a *estabilidade* (por serem dotadas de estruturas relativamente estáveis); o *sentido figurado* (pela extensão de significados conotativos que as palavras podem admitir na construção); a *combinabilidade* (por seus elementos se combinarem criando sentido, mesmo que as construções pareçam aparentemente “ilógicas”, do ponto de vista gramatical); a *expressividade* (pelo caráter metafórico de caráter valorativo, atribuído pelo falante); a *convencionalidade* (por serem estabelecidas socialmente, pois são aceitas pela comunidade de fala); a *idiomaticidade* (por casualmente causarem dificuldades de interpretação pelos termos isolados); a *metaforicidade* (por sua natureza essencialmente metafórica); a *opacidade* (pela relação com a idiomaticidade, ou seja, quanto mais opaca, mais idiomática será); e a *fixação* (pelas variações e modificações que somente serão aceitas pela comunidade de fala quando não interferirem no significado).

Ainda em relação às particularidades das EI, Fillmore, Kay e O’Connor (1988), apontam que tais construções seguem determinados parâmetros, tais como: codificáveis e decodificáveis; gramaticais e extra-gramaticais; substantivas e formais.

As EI codificáveis são regulares e convencionalizadas, isto é, o entendimento da expressão não necessita de experiência prévia, pois “a

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

obediência aos padrões regulares da língua permite aos falantes estabelecer facilmente a decodificação” (FERRARI, 2011, p. 130). As EI decodificáveis precisam ser compreendidas como um bloco lexical, isto é, necessitam de um contexto. Mesmo que o falante conheça o significado de cada componente do bloco, “não entenderá o significado da mesma na primeira vez que ouvir” (FERRARI, 2011, p. 131).

As EI gramaticais obedecem às regras gramaticais de uma língua. A construção *ele perdeu as estribeiras*, por exemplo, segue a estrutura frasal [SN1 V SN2], produtiva e convencionada em LP. As EIs extragramaticais não seguem às regras gramaticais. Construções como “de mais a mais”, por exemplo, são consideradas idiossincráticas, pois não refletem “uma regra sintática geral da língua” (FERRARI, 2011, p. 131).

As EI substantivas “preveem o preenchimento das posições previstas com itens lexicais específicos” (FERRARI, 2011, p. 131). Nessas construções, o sentido não é percebido pelas partes constituintes, e a permuta entre eles é aberta e flexível. As EIs formais possuem constituintes fixos, isto é, “há uma moldura sintática genérica que pode ser preenchida por diferentes itens lexicais” (FERRARI, 2011, p. 131).

Alvos dos estudos da Linguística Cognitiva, os significados semânticos das EIM elencadas para o corpus desta pesquisa serão analisados por seu caráter essencialmente metafórico. Os recortes, por sua vez, são amostragens de expressões idiomáticas decodificadas, gramaticais e substantivas integradas a partes motivadoras maximizadas por extensão metafórica.

4. Expressões Idiomáticas Modernas: delimitação e análise do corpus

O *corpus* coletado para análise são EIM utilizadas por determinados usuários da plataforma digital *Twitter*, as quais foram selecionadas justamente por figurarem o eixo norteador desta pesquisa: as EI acompanham a evolução da sociedade, pois emergem de fatores extralinguísticos e, sobretudo, das demandas comunicativas da população. Desta forma, a pesquisa, baseada em critério quanti-qualitativo, será constituída pelas EIM mais recorrentes nas interações do *Twitter*, a partir dos padrões: decodificadas, gramaticais e substantivas²⁷ e de base metafórica²⁸. Com base

²⁷ Fillmore, Kay e O'Connor (1988).

²⁸ Lakoff e Johnson (1980); Ortíz Alvarez (2000).

no levantamento prévio obtido, apresentam-se as EIM selecionadas: *fazer a egípcia, pedir/querer biscoito e passar pano*.

2.2. Análise semântico-estrutural das EIM

Uma análise mais atenta das EIM permite traçar, preliminarmente, as seguintes constatações: i) são construções transitivas decodificadas, gramaticais e substantivas em língua portuguesa e se desenvolvem pela estrutura [V *slot* para SN]; ii) o caráter polissêmico dos verbos leves (*fazer, pedir, querer e passar*) delimita um amplo preenchimento de *slots*, que, por sua vez, são ativados por base metafórica; iii) os significados das expressões são obtidos essencialmente por convencionalidade e expressividade; e iv) o fluxo constante entre o que os falantes armazenam em suas mentes a partir de suas experiências com o mundo extralinguístico é o fator preponderante para que tais construções sejam viáveis em língua portuguesa.

A primeira EIM em estudo é *fazer a egípcia*. Muito utilizada entre o público jovem, a construção significa “fazer-se de desentendido ou indiferente a algo ou a alguém”. Na construção, o preenchimento do *slot* “a egípcia” ativa metaforicamente conhecimentos culturais sobre as artes egípcias da antiguidade, as quais “retratavam pessoas com ares de superioridade na face”²⁹. O *Input 1* está ligado ao DOMÍNIO CULTURAL, ou seja, conhecimentos subjacentes que o falante tem acerca de pinturas egípcias, as quais invariavelmente retratavam figuras imponentes e com feições de superioridade, fato que também se relaciona à Lei da Frontalidade³⁰. O *Input 2* está relacionado ao DOMÍNIO COMPORTAMENTO, ou seja, certas condutas (indiferença, desinteresse e inércia) ligadas ao contexto concreto do falante. Desses dois domínios, é estabelecido um *espaço genérico* que garante a relação entre eles e enfatiza pontos em comum, como: desinteresse ou possível comportamento de superioridade em relação a alguém. Por fim, no *espaço mescla*, surge um novo significado e a ela-

²⁹ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>

³⁰ A lei da frontalidade é a característica mais marcante na pintura egípcia. Essa regra determinava que o tronco das pessoas deveria ser representado de frente, enquanto a cabeça, pernas e pés exibidos de perfil. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/arte-egipcia/>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

boração (recorte do Twitter): *um trilhão de coisas pra fazer, e a madame (eu) deitada fazendo a egípcia*³¹.

Na EIM *pedir/querer biscoito*, o *slot* preenchido é “biscoito” e remete culturalmente ao ato de recompensar um animal quando este faz determinado comando corretamente. Já nas redes sociais, a construção alarga seu significado próprio e passa também a significar “pedir ou querer atenção, elogio e aparecer”.

Pode-se dizer que o *Input 1* (DOMÍNIO ALIMENTO) faz referência a um ato cultural, isto é, a recompensa dada a animais como forma de gratificação por boas ações ou comandos realizados corretamente. Em sequência, o *Input 2* (DOMÍNIO COMPORTAMENTO), que também está ligado à necessidade de receber gratificações, traz uma nova configuração (mais abstrata), uma vez que represente a exposição, à qual pessoas se submetem para obter *likes*, também conhecido como “biscoitar”. Neste contexto, o *espaço genérico* a grega as características dos domínios iniciais e, por fim, no *espaço mescla*, é ativado o novo sentido, com a elaboração: *se cada um me seguisse lá na twitch...pena que tenho vergonha de pedir biscoito*³².

Por fim, a expressão *passar pano* é uma variação do *varrer para debaixo do tapete*, acobertar, omitir algo negativo sobre alguém³³. No Twitter, “passar pano” se faz presente, também, quando quer dizer que alguém é preconceituoso. A palavra-chave, neste caso, é “pano” por se entender como o ato de limpar. Neste contexto, o *Input 1* (DOMÍNIO LIMPEZA) está ligado a ações de higiene realizadas no cotidiano, tais como: limpar, reabilitar lugares sujos e desinfetar. Já *Input 2* (DOMÍNIO COMPORTAMENTO) refere-se a ações de “ajuda”, como acobertar, omitir algo negativo sobre alguém para perdoar uma ação negativa. O *espaço genérico*, por sua vez, garante a relação entre os domínios iniciais e remonta as ações em novo contexto: aliviar, livrar, absolver ou perdoar alguém por algo imprudente ou indevido. Assim, é criado o novo significado no *espaço mescla*: *podem me acusar de tudo, menos de passar pano para aglomeradora*³⁴.

³¹ Disponível em: <https://twitter.com/Mayaraalvesreal/status/1386394508871430145>.

³² Disponível em: <https://twitter.com/xbauerr/status/1386701239635877890>.

³³ Disponível em: <https://extra.globo.com/>.

³⁴ Disponível em: <https://twitter.com/cirohamen/status/1387239573118390275>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Pelas análises das Expressões Idiomáticas Modernas, foi possível observar que são movimentos cognitivos sistemáticos, socioculturalmente construídos e emergentes de práticas e ações sociais. Isso significa que seja possível que os falantes de uma determinada comunidade de fala consigam conceptualizá-las com base na ativação de informações subjacentes em seus domínios cognitivos para aplicá-las em diversas situações comunicativas. Encerrando a análise, a última seção deste artigo destina-se a descrever e apresentar os resultados da pesquisa de campo.

3. Resultados da pesquisa de campo

Para verificar o processo de cristalização das EIM elencadas, foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de um breve questionário social (via *Google Forms*). A pesquisa contou com 250 participantes com idades entre 15 e 73 anos. As perguntas centravam-se em fatores imperativos aos propósitos da pesquisa, logo, investigaram: 1) o gênero com o qual os participantes se identificavam; 2) a idade dos participantes; e 3) os conhecimentos a respeito das expressões selecionadas.

Duas observações importantes devem ser destacadas: (1) 72,8% dos participantes declararam pertencer ao gênero feminino e 27,2% declararam pertencer ao gênero masculino; e (2) embora pessoas com idades variadas tenham participado, a maior parte dos colaboradores encontra-se entre 15 e 45 anos.

Para a primeira pergunta *Fazer a egípcia vem ganhando muito espaço nas interações dos usuários das redes sociais. Você conhece e sabe o significado?*, observou-se que a grande maioria dos participantes alegou conhecer a EIM, totalizando 182 pessoas. Em contrapartida, apenas 12 afirmaram não a conhecer, mas já atentaram para a construção em suas redes sociais. Ademais, 50 participantes afirmaram desconhecimento total. Isso significa que a EIM que, em primeiro momento, mostrou-se decodificável, a partir deste primeiro contato já entrará para o repositório mental desses participantes, mesmo que eles optem por não a utilizar. Cabe dizer que os fatores *gênero* e *idade* também foram preponderantes para análise, uma vez que, dentro do total de participantes, mulheres e pessoas entre 15 e 45 anos responderam corretamente à questão.

Em relação à segunda pergunta *Você conhece a expressão pedir/querer biscoito?*, pode-se afirmar que esteja ainda em processo de decodificação, uma vez que 83 participantes (33,2%) afirmaram não a

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

conhecer. É necessário pontuar que os fatores *gênero* (masculino) e *idade* (participantes com mais de 35 anos) foram pontuais em relação às respostas negativas. Entretanto, ainda se verifica um número significativo de participantes que conhecem a EIM e afirmaram saber empregá-la, 158 (63,2%).

Por fim, para a questão *Você conhece a expressão passar pano?*, verifica-se que a maioria dos participantes afirmou conhecer e saber empregá-la, 85,6%. E por outro lado, apenas 28 participantes apontaram desconhecimento total da EIM, totalizando 11,2%. Vale pontuar que o alto grau de aceitação da EIM pode estar associado ao seu valor semântico, uma vez que a expressão seja frequentemente empregada em discursos ideológicos (políticos, étnicos e sociais).

Um panorama geral da análise das EIMs sintetiza que: (1) as três EIMs são, em graus diferentes, aceitas pela comunidade de fala; (2) *pedir/querer biscoito* obteve mais aceitação entre o público jovem (entre 15 e 35 anos) e menos entre os participantes acima de 36 anos; (3) *passar pano* foi a EIM mais reconhecida entre os participantes; e (4) as três EIM já estão em processo de cristalização.

4. Considerações finais

A capacidade de se comunicar através das EIs enriquece a interação entre falantes da língua, tornando o diálogo, em algumas vezes, até hilário, principalmente em se tratando do *Twitter*, terreno fértil para análises linguísticas. Tais produções são resultados de regularizações naturais da língua que, com o uso frequente, consolidam-se e formam novas construções dependendo do contexto, das necessidades comunicativas do cotidiano e de questões socioculturais de determinados grupos.

Este artigo objetivou analisar os processos de gênese e possível cristalização de Expressões Idiomáticas Modernas que vêm ganhando muito espaço no discurso dos usuários das redes sociais. A análise, por sua vez, mostrou que os fatores extralinguísticos foram primordiais para a criação e, posteriormente, a adoção das expressões nas interações dos falantes.

Se as demandas sociocomunicativas irão apontar outros nortes para o destino das EIM – que, em breve, não mais serão modernas – não se sabe. O fato é que a cada dia novas construções serão criadas, logo, cabe aos estudiosos da língua um olhar mais profundo a esta área de investi-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

gação como uma maneira de estabelecer um recorte diferenciado em relação aos estudos linguísticos e uma oportunidade de se ampliar as concepções da língua em uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTT, M. The Light verb jungle: still hacking away. In: AMBERBER, M.; HARVEY, M.; BAKER, B. (Eds) Complex Predicates. *Cross-Linguistic Perspective*. Cambridge University Press, 2010.

CHOMSKY, N. *Reflections on language*. New York: Pantheon, 1975.

COSTA; E. G. *Construção de sentidos: proposta didática para uma nova abordagem de metáfora como mecanismo da fala cotidiana*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019. 124p.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____; RIBEIRO, F. S. A interface sintaxe-semântica na construção de movimento-causado do português do Brasil com base na gramática de construções baseada no uso. *Cadernos do CNLF*, v. 21, n. 3, p. 200-14, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017.

FILMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, C. Regularity idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, p. 501-38, 1988.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GRIMSHAW, J.; MESTER, A. Light verbs and theta-marking. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 205-32, 1988.

LAMA, E. C.; ABREU, A. S. A motivação metafórica das expressões idiomáticas na interface entre o português e o espanhol. In: _____. *Anuário Brasileiro de Estudos Hispânicos*. Madrid, 2001.

LAKOFF, G.; MARK, J. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ., 2002.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. *Expressões Idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensi-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

no de português como língua estrangeira. Campinas-SP. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem-UNICAMP, 2000.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

ROCHA, C. M. C. As expressões idiomáticas e a motivação metafórica que a elas subjaz. *Revista Entrelinhas*, v. 7, n. 2, p. 173-87, Rio Grande do Sul, 2013.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.